

Neologia e neologismos no português brasileiro: principais ideias

Neology and neologisms in Brazilian Portuguese: main ideas

*João Henrique Lara GANANÇA**

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar um breve histórico dos estudos de Neologia no Português Brasileiro, bem como passar em revista, com base, sobretudo, em Guilbert (1972, 1975), em Alves (1990) e em Cabré (2010), as principais ideias a respeito da conceituação de “neologia” e de “neologismo” e as diferentes metodologias possíveis para a identificação de neologismos na língua comum. Além disso, é nossa intenção, ainda, apresentar algumas contribuições que o Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo (Projeto TermNeo), sob a coordenação de Ieda Maria Alves, tem dado às pesquisas lexicais e morfológicas por estudar os principais processos de criação lexical e por trazer as novidades, sempre constantes, surgidas no âmbito desses processos, que por sua vez, evidenciam a vivacidade perene da língua, sempre pronta a moldar-se às necessidades de expressão dos falantes.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística. Lexicologia. Neologia. Neologismos. Criação Lexical.

ABSTRACT: This article aims to present a brief history of the studies of Neology in Brazilian Portuguese, as well as recapitulate, mainly upon Guilbert (1972, 1975), Alves (1990) and Cabré (2010), the main ideas about the concepts of “neology” and “neologism” and the different possible methodologies used to identify neologisms in common language. In addition, we intend to present some contributions that the Contemporary Brazilian Portuguese Neologisms Observatory (TermNeo Project), under the coordination of Ieda Maria Alves, has given to lexical and morphological studies for studying the main processes of lexical creation and to bring the ever-constant innovations that have emerged within these processes, which, in turn, evidence the perennial liveliness of the language, always ready to conform to the needs of the speakers' expression.

KEYWORDS: Linguistics. Lexicology. Neology. Neologisms. Lexical Creation.

* Doutorando em Letras pelo Programa de Filologia e Língua Portuguesa - FFLCH-USP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1398-9378>. jgananca@usp.br

1 Introdução

Neste artigo, buscaremos tratar de aspectos teóricos concernentes ao fenômeno da neologia lexical em língua portuguesa. A fim de organizar nosso pensamento, subdividimos o presente estudo em três subseções, as quais foram estruturadas com base em três perguntas instigadoras, cuja função é guiar nosso olhar para a problemática do fenômeno neológico em âmbito lexical.

A primeira subseção busca responder à seguinte questão: o que se entende por neologia e por neologismo? Fundamentados nessa reflexão, duas outras questões podem ser formuladas: como identificar os neologismos? E, afinal, como se formam novas unidades lexicais?

2 A Neologia e os Neologismos: a construção de um conceito

Segundo o *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, a palavra *neologismo* data de 1813, enquanto o surgimento de *neologia* é mais recente, tendo sido registrado seu aparecimento em 1858.

O verbete *neologia* traz, nesta obra lexicográfica, três acepções: “1. Processo de formação, de caracterização e de emprego de novas unidades léxicas; 2. Registro dessas unidades; 3. Conjunto de neologismos”. Quanto a *neologismo*, o dicionário registra as seguintes acepções: “1. Emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não; 2. Atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na língua; 3. Unidade léxica criada por esses processos”. Em sua macroestrutura, encontramos ainda registrados os seguintes derivados: *neológico*, *neologismar*, *neologista* e *neólogo*.

De forma mais concisa, diz-nos o dicionário *Caldas Aulete*, em sua versão online¹, que *neologia* é “criação ou uso de palavras novas, ou com novos significados”, ao passo

¹ Disponível para consulta em: www.aulete.com.br

que *neologismo* seria “1. Uso de palavra ou expressão nova, ger. com base em léxico, semântica e sintaxe preexistentes, na mesma língua ou em outra; 2. p. ext. qualquer palavra ou expressão resultante desse processo”.

Os exemplos elencados acima parecem apontar para uma grande identidade semântica entre os vocábulos neologia e neologismo. A despeito das peculiaridades de sentido identificadas em cada verbete, percebe-se, por exemplo, que o traço semântico “emprego de novas unidades léxicas” está presente, no primeiro excerto, para definir tanto neologia, quanto neologismo. No exemplo extraído do dicionário *Caldas Aulete*, por sua vez, a ideia de “uso de palavra nova” encontra-se, igualmente, nos dois verbetes.

A fim de dispersarmos essa nebulosidade, identificada nas obras lexicográficas, quanto ao sentido mais exato que se pode ou que se deve conferir a esses dois vocábulos, reservaremos a palavra *neologia* apenas para designar o *processo* de criação de novas unidades léxicas, ao passo que os *produtos* resultantes desta criação chamaremos de *neologismos*. Essa tem sido, aliás, a postura teórica adotada nos principais estudos realizados, desde as últimas décadas, sobre o tema (GUILBERT, 1972, 1975; ALVES, 1990, 2000, 2010, entre outros.).

Alves (2010, p. 63-64) informa-nos que os primeiros estudos acerca da neologia lexical no português brasileiro surgiram entre gramáticos na primeira metade do século XIX que se voltaram a discutir, sobretudo, a questão da inserção, na língua portuguesa, de estrangeirismos, mormente galicismos, que, à época, abundavam na fala e na escrita dos brasileiros cultos e que geravam bastante preocupação entre os gramáticos.

De modo geral, a postura desses estudiosos reflete uma concepção purista da língua, em que se deve, a todo custo, preservá-la de influências estrangeiras nefastas que a poderiam facilmente corromper e destruir. Assim, se a neologia como processo tende a ser compreendida como necessária para nomear fatos e artefatos novos, o

neologismo como produto do processo neológico em excesso (ainda que não se consiga estabelecer exatamente quando o uso do neologismo é excessivo) deve ser evitado e combatido. Nada reflete melhor essa visão do que a diferença estabelecida por L. S. Mercier (*apud* GUILBERT, 1972, p. 9) entre neologia e neologismo: “A *Neologia* é sempre bem-aceita, ao passo que o *Neologismo* não; há entre essas duas palavras a mesma diferença que entre religião e fanatismo, filosofia e filosofismo”².

Desde a década de 1960, contudo, o desenvolvimento da Linguística como ciência autônoma e independente tem ajudado a lançar boa luz sobre essa questão.

Segundo nos informa Alves (2006) e Cabré (2010), no início dos anos 1960, o lexicólogo e lexicógrafo francês Bernard Quemada criou, a fim de sistematizar e desenvolver o estudo continuado do fenômeno neológico no léxico da língua francesa, um *Observatório de Neologia* no *Centre d'Étude du Vocabulaire Français de l'Université de Besançon*. A partir desse projeto pioneiro, vários observatórios foram criados, com os mesmos objetivos, como o Obneo, criado em 1988 e atualmente parte do *Institut Universitari de Linguística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra*, na Espanha, que tem investigado as criações lexicais no espanhol e no catalão. Podemos citar, ainda, o *Osservatorio neologico della lingua italiana* (Onli), da *Universidade La Sapienza de Roma* e o *Observatorul neologic român*, de Bucareste, cujos trabalhos têm ajudado a analisar a neologia no romeno.

No mundo lusófono, destacam-se o Observatório de Neologia do Português, do Instituto de Linguística Teórica Computacional, Iltec, de Lisboa e o Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo (Projeto TermNeo), da Universidade de São Paulo. Esse último serviu, por sua vez, de inspiração para outros Observatórios no Brasil, como o Observatório de Neologismos na Linguagem Jornalística, da Universidade Federal do Pernambuco e o recente Observatório de

² *Néologie* se prend toujours en bonne part, et *Néologisme* en mauvaise, il y a entre ces deux mots la même différence qu'entre religion et fanatisme, philosophie et philosophisme. (Original)

Neologismos na Publicidade Impressa, criado por Aderlande Pereira Ferraz na Universidade Federal de Minas Gerais.

A finalidade de um Observatório de Neologia é, como dissemos anteriormente, realizar estudos sistematizados acerca da neologia lexical no âmbito de uma ou de mais línguas. Para tanto, faz-se necessário o estabelecimento de *corpora de extração* significativos da língua em estudo e de critérios metodológicos de identificação e de seleção dos neologismos encontrados, a fim de que se possam realizar análises consistentes dos dados obtidos. Ora, os bancos textuais e as bases neológicas resultantes do trabalho dos observatórios configuram-se, portanto, como um material muito valioso, com base no qual é possível verificar a língua em sua realidade de uso. É o que nos diz Cabré (2010, p. 15):

No caso dos Observatórios de neologia, aquilo que é detectado, contemplado, recompilado e analisado são os neologismos léxicos que aparecem no discurso oral ou escrito dos falantes de uma língua. A finalidade desta atividade é muito clara: para conhecer a realidade de uma língua, devemos dispor permanentemente de amostragens de seu uso. Os bancos textuais são, pois, um recurso que permite atender a essa necessidade (...)³.

Diz-nos ainda a autora que os resultados colhidos do trabalho dos observatórios são essenciais para se conhecer a vitalidade interna de uma língua, isto é, quais são os mecanismos e os materiais linguísticos disponíveis para a criação lexical que, contemporaneamente, são mais ou menos produtivos em determinada língua. Tal conhecimento é fundamental, por exemplo, para se verificar quais seriam as tendências dessa língua, quais unidades lexicais devem ou não figurar nos dicionários não especializados e em materiais didáticos de ensino desse idioma como língua

³ En el caso de los Observatorios de neología aquello que se detecta, se contempla, se recopila y se analiza son los neologismos léxicos que aparecen en el discurso oral o escrito de los hablantes de una lengua. La finalidad de esta actividad es muy clara: para conocer la realidad de una lengua, debemos disponer permanentemente de muestras sobre su uso. Los bancos textuales son pues un recurso que permite cubrir esta necesidad (...). (Original)

materna ou estrangeira.

Além de tudo isso, o trabalho dos observatórios ao redor do mundo tem ajudado a desenvolver metodologias de pesquisa cada vez mais precisas para a lida com o fenômeno neológico em questão, apresentaremos tais metodologias na próxima subseção. Vários estudos surgiram a partir de então, entre os quais destacamos no Brasil: Sandmann (1989, 1992) e Alves (1990, 2000).

Alicerçado no trabalho prático e sistemático de todos esses pesquisadores foi possível conceituar, assim, com maior precisão, o que se entende por neologismo como produto da neologia.

Biderman (1978, p. 158-166) já nos dizia que as unidades lexicais neológicas podem ser divididas em dois grandes grupos: formais e conceptuais. Por neologismo formal, a autora entende “(...) uma palavra nova introduzida no idioma. Pode ser um termo vernáculo ou um empréstimo estrangeiro”. Já o neologismo conceptual, ainda segundo ela, é resultado de “(...) uma acepção nova que se incorpora ao campo semasiológico de um significante qualquer”.

Assim também entende Alves (1990, p. 5), quando diz que um neologismo pode ser: “(...) uma nova forma, uma nova acepção atribuída a uma unidade lexical ou um estrangeirismo recebido de outra língua”.

É, portanto, nesse sentido triplo – forma vernácula nova, forma estrangeira recém-incorporada ao universo linguístico da língua portuguesa e mudanças no campo semântico de uma unidade lexical já existente - que também entendemos e conceituamos neologismo neste artigo.

3 Metodologias para o trabalho com os Neologismos

No âmbito dos estudos lexicais, os conceitos de neologia na condição de fenômeno de criação lexical e, de neologismo como produto resultante dessa criação parecem estar bem assentados. Entretanto, identificar empiricamente um neologismo

não é tarefa simples, pois esbarramos sempre na seguinte questão: por quanto tempo uma unidade lexical pode ser chamada de neológica? Qual é, a afinal, a medida do novo quando estamos lidando com o léxico de uma língua? Diz-nos Cabré (2010, p. 18):

(...) se, por um lado, o conceito de neologia encontra-se bastante estabilizado, os critérios de reconhecimento dos neologismos, mutáveis, são muito mais diversos. A etiqueta de neologismo pode chegar a ser problemática pelo fato de concentrar diversos parâmetros de identificação e, ademais, porque, por definição, neologia é uma condição sempre diacrônica: aquilo que hoje é neológico pode deixar de sê-lo quando seu uso for atestado⁴.

Foi justamente a dificuldade em estabelecer critérios de reconhecimento dos neologismos que fez com que Rey (1976) levantasse questionamentos acerca da existência real de neologismos na língua. Seria o neologismo um pseudoconceito, afinal?

Em verdade, temos percebido que, no âmbito dos estudos da neologia, a conhecida máxima saussuriana “o ponto de vista cria o objeto” continua especialmente válida. Portanto, conclui-se que uma unidade lexical será assim reconhecida como neológica ou não a depender dos critérios utilizados para sua identificação. Longe de ser um elemento mais evidente do sistema linguístico e mais amplamente aceito, como o verbo, o substantivo, o adjetivo etc., o neologismo é um elemento puramente conceptual, metodológico, pragmático, criado com base em um ponto de vista prévio sobre ele.

É a essa conclusão que parece chegar A. Rey (1976, p. 17) quando nos diz:

⁴ (...) si por un lado el concepto de neología se considera bastante estabilizado, los criterios de reconocimiento de los neologismos, en cambio, son mucho más diversos. La etiqueta de neologismo puede llegar a ser problemática por el hecho de concentrar diversos parámetros de identificación y, además, porque por la definición la neología es una condición siempre diacrónica: aquello que hoy es neológico puede dejar de serlo cuando se refleja su uso. (Original)

O neologismo não existe em si, mas apenas em comparação a um conjunto de usos arbitrariamente definidos. É impossível considerar o neologismo “em abstrato”, como um elemento novo num sistema, independentemente do funcionamento concreto da língua⁵.

Assim, em virtude do caráter não abstrato do neologismo, para que seja conferido o caráter neológico a determinada unidade do léxico, faz-se necessário colocá-la em comparação com *corpora* extensivos e não exaustivos compostos por palavras reconhecidamente não neológicas pela comunidade de falantes.

Boulanger (1979) utilizou pela primeira vez a expressão “*corpus* de exclusão” para determinar o conjunto de textos utilizados como uma espécie de filtro para a conferência do caráter neológico a uma unidade lexical. O estabelecimento de *corpora* de exclusão tem sido, desde então, a metodologia de trabalho mais utilizada e mais reconhecida na lida com as criações lexicais novas.

Atualmente, Cabré (2010, p. 18-21) nos fala em quatro critérios possíveis de detecção de neologismos, alguns dos quais baseados nos *corpora de exclusão* diversificados. Abaixo descreveremos cada um deles, apontando suas vantagens e suas desvantagens, segundo a autora.

1º critério: diacrônico.

Estabelece o critério diacrônico que uma unidade lexical será neológica se tiver aparecido recentemente.

Assim, embasado por esse critério, o pesquisador pode levantar um *corpus* histórico relativo ao período dentro do qual esteja estudando a neologia e, com base nele, fixar datas para o surgimento das palavras, verificando quais apareceram mais recentemente no intervalo de tempo coberto pelos documentos. Na Universidade de

⁵ Il n’y a pas de néologisme en soi, mais par rapport à un ensemble d’usages arbitrairement définis. Il est impossible de considérer le néologisme “in abstracto” comme un élément nouveau dans un système, indépendamment du fonctionnement concret du langage. (Original)

São Paulo (USP), o Grupo de Morfologia Histórica do Português (GMHP: www.usp.br/gmhp), coordenado pelo Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro, tem contribuído enormemente para a melhoria nas datações que atestam a origem das palavras no português. Contudo, o estabelecimento de *corpora* precisos compostos de uma quantidade significativa de documentos onde se poderá atestar a data inequívoca de surgimento de uma palavra é especialmente difícil. O desenvolvimento dos estudos etimológicos tem mostrado que quase nunca é possível ter certeza absoluta acerca da data precisa do surgimento de uma palavra, haja vista a quantidade de vezes em que as datações mudam mediante o surgimento de novas fontes.

2º critério: *gramatical*.

Segundo o critério gramatical, uma unidade lexical será neológica se denunciar instabilidade e/ou raridade formal.

Esse segundo critério elencado por Cabré (2010) é especialmente profícuo na identificação das unidades lexicais neológicas cuja forma causa estranhamento, a respeito da qual os falantes têm uma espécie de intuição do seu caráter de novidade, uma vez que desempenham função puramente estilística. Geralmente, neologismos criados pelos processos deformantes, como truncação, cruzamento vocabular, reduplicação etc. e estrangeirismos são facilmente reconhecidos pela aplicação desse critério. Certamente, poucos teriam dúvidas de que a satírica palavra “intelijegue” (cruzamento entre as palavras “inteligente” e “jegue”) é neológica, visto apresentar uma forma que causa estranhamento.

No entanto, para os casos de neologismos sintáticos, como os formados por prefixação ou composição, em que há uma nova combinação de elementos já existentes no sistema linguístico, como em *ecoturismo* e em *operação-relâmpago*, neologismos analisados em Alves (2006), esse critério se torna inoperante, pois a forma da unidade lexical nova não causa estranhamento aos falantes, muito embora se trate de uma

novidade lexical. O mesmo podemos dizer para os frequentes casos de neologismos semânticos, em que a forma da unidade léxica não sofre alteração.

3º critério: psicológico.

De certo modo decorrente do segundo critério, o terceiro diz-nos que uma unidade lexical será neológica se os falantes da língua a reconhecerem como tal. Dentre todos os critérios, este se apresenta como o mais difícil de ser efetivamente aplicado e como o mais subjetivo entre todos.

Sabemos que todos os falantes de uma determinada comunidade linguística compartilham um núcleo léxico comum, que permite a comunicação entre eles. A isso, os estudiosos do léxico, sobretudo de filiação teórica gerativista, têm chamado de *competência lexical* (GUILBERT, 1975, p. 38; BASILIO, 1980, p. 8; SANDMANN, 1992, p. 13; ROCHA, 2008, p. 35; dentre outros). Em virtude desse acervo lexical compartilhado, diz-nos Sablayrolles (2013) ser possível a existência de um “sentimento de neologia” da parte dos falantes em relação a determinados itens lexicais. Todavia, cada falante ou grupo de falantes apresentam disparidades no alcance de seu léxico individual. Assim, o que se configura como neologismo para um pode não ser para outro, fato este que confirma que o neologismo é, antes de mais nada, um conceito metodológico, como nos ensinou A. Rey (1976).

A percepção da novidade é variável segundo os indivíduos e os objetos examinados. O mesmo objeto será, ao mesmo tempo, percebido como novo ou recente por um e já antigo e velho por um outro. Com as inovações lexicais, que são os neologismos, não é diferente: os julgamentos dos falantes nativos podem divergir sobre eles (SABLAYROLLES, 2013, p. 6)⁶.

⁶ La perception de la nouveauté est variable selon les individus et les objets examinés. Le même objet sera encore perçu neuf ou récent par l'un et déjà ancien et vieilli pour un autre. Il n'en va pas autrement des innovations lexicales que sont les néologismes: les jugements des locuteurs natifs peuvent diverger à leur sujet. (Original)

Logo, para que pudéssemos aplicar esse critério, seria necessário estabelecer um grupo suficientemente heterogêneo de falantes, oriundos de diferentes extratos sociais, de diferentes faixas etárias, de diferentes níveis de escolaridade etc. Ainda assim, correríamos o risco de esses falantes reconhecerem como neológicas apenas as unidades lexicais cujas formas ou imagens acústicas lhes causassem estranhamento, ignorando completamente as novas combinações entre formas já conhecidas do material linguístico, que, por certo, não ativam nos falantes qualquer “sentimento de novidade”, na terminologia de Sablayrolles (2013).

4º critério: lexicográfico.

Por fim, o último critério afirma que uma unidade lexical será neológica se não figurar em um conjunto de dicionários de língua previamente selecionados. De todos os critérios, esse tem sido o mais utilizado, desde sempre, nos estudos neológicos, não apenas por sua simplicidade e praticidade, mas também pelo fato em si de muitos estudos de neologia terem sido feitos justamente com o objetivo de ampliar os dicionários já existentes.

É certo que, como os outros, o critério lexicográfico apresenta fragilidades, uma vez que os dicionários não conseguem jamais abarcar todas as palavras de uma língua. Sablayrolles (2013, p. 7-8) nos lembra, por exemplo, dos casos de gírias e palavrões, largamente utilizados pelos falantes (portanto, não neológicos), mas que, pelo fato de não serem, segundo ele, “politicamente corretos” não vão parar nunca nos dicionários. Há também os casos de palavras antigas que não aparecem mais nos dicionários e que são arcaísmos e não neologismos. Chama-nos, ainda, a atenção Sablayrolles (2013) para a não rara omissão, nas obras dicionarísticas, de neologismos semânticos.

No entanto, socialmente falando, o dicionário é visto como o repositório lexical confiável de uma determinada comunidade de falantes, não sendo rara a consulta às obras lexicográficas para a verificação da existência ou não de uma palavra, para a aferição de sua ortografia, da sua pronúncia correta, de seus significados possíveis etc.

Pelos falantes, os dicionários são vistos como fontes do saber lexical e parece intuitivamente natural deixar de considerar uma palavra como neológica se ela passar a figurar nos dicionários da língua. A inserção, em um dicionário de língua geral, de qualquer item léxico novo, portanto, parece ser um dado que atesta, para todos os falantes, a sua *desneologização*.

A consagração final da palavra neológica é a sua inserção no dicionário, porque o registro de um termo no dicionário confere-lhe o estatuto de elemento lexical da língua, ao lado dos outros já existentes, do ponto de vista dos grupos conservadores. Antes de ser registrado no dicionário, já se tem consciência de sua aceitação, mas o figurar na lista das palavras do dicionário faz que o termo seja considerado “*definitivo*”. O papel do lexicógrafo, nesse sentido, é muito importante, pois a ele e a sua equipe cabe de certa forma a responsabilidade de consagrar a aceitação do neologismo ou rejeitá-lo. (BARBOSA, 1981, p. 150-151)

Durante décadas de estudos da neologia, os únicos *corpora* de exclusão utilizados por quem se aventurava a observar esse campo da lexicologia foram, portanto, os dicionários. Recentemente, porém, o desenvolvimento da *linguística de corpus*, aliado ao aprimoramento da informática, tem possibilitado o aparecimento de ferramentas computacionais que utilizam bancos textuais em suporte digital, estabelecendo, assim, uma nova via textual e automática de detecção de neologismos, que vem auxiliar o pesquisador, agregando mais uma ferramenta além do dicionário⁷.

4 Os principais processos de criação lexical e as contribuições dos estudos neológicos

Para apresentarmos a tipologia dos principais processos de criação lexical da

⁷ Tal é o caso do *Extrator de Neologismos*, ferramenta desenvolvida pelo NILC-USP-São Carlos em parceria com o Projeto TermNeo (coordenado por Ieda Maria Alves - USP), que realiza a coleta semiautomática de candidatos a neologismos por meio da comparação entre o *corpus* de extração e o banco textual armazenado, segmentando os sintagmas em que ocorrem os possíveis neologismos.

língua portuguesa, tomaremos como base os trabalhos de Guilbert (1972, 1975) e de Alves (1990).

Conforme dissemos ao final da segunda subseção, os neologismos têm sido agrupados pelos estudiosos do tema em dois grandes grupos: os neologismos formais, em que a novidade inscreve-se na forma da palavra, e os semânticos ou conceptuais, em que o elemento novo ocorre no âmbito do significado da palavra, ou seja, no conjunto de traços semânticos que ela atualiza.

Entre os neologismos formais mais produtivos, Guilbert e Alves chamam de neologismos sintáticos as novidades formais resultantes da combinação entre elementos linguísticos preexistentes. No âmbito dos neologismos sintáticos, encontram-se os dois processos de formação de palavras mais produtivos do português brasileiro atual: a derivação (processo de associação de um afixo a uma base lexical) e a composição (processo de associação entre duas ou mais bases lexicais).

Entre os casos de derivação, os dois tipos mais produtivos para a criação de unidades lexicais no português brasileiro são a derivação prefixal, ou prefixação, e a derivação sufixal, ou sufixação.

A prefixação é definida como processo de adjunção de um prefixo à esquerda de uma base lexical. De acordo com Alves (1990, p. 15), prefixos podem ser definidos como “(...) partículas independentes ou não independentes que, antepostas a uma palavra-base, atribuem-lhe uma ideia acessória e manifestam-se de maneira recorrente, em formações em série.”.

Justamente por apresentarem semelhanças com as preposições, dada a origem etimológica comum (CÂMARA JR., 1975), não raro alguns prefixos, como *ex-*, *super-*, *vice-*, *mini-*, entre outros, têm sofrido processo de lexicalização em contextos neológicos, empregados como formas livres na língua. É o que exemplificam os contextos abaixo, extraídos de nossa dissertação de mestrado, na qual estudamos, sob a orientação de Ieda Maria Alves, o fenômeno prefixal em *corpora* compostos por

blogues da internet:

“Após a separação, minha <ex> pôs meus filhos contra mim” (NAVARRO, R., 30/01/2014);

“Os preços são R\$ 14 para o <mini>, R\$40 o panetone de 500 gr e R\$ 65 o de um quilo”. (KATSUKI, 10/12/2014)

“(…), os visitantes já conseguem ver a cachoeira (de longe!) e podem relaxar em uma trilha (com piso <super de boa> para todos) cheia de árvores, bichos e plantas.”. (ASSIM COMO VOCÊ, 06/08/2014)

Em diversos estudos, Alves (1990, 2000, 2006, 2010) verificou o surgimento de novos prefixos no Português Brasileiro, oriundos da migração de bases léxicas neoclássicas das línguas de especialidade para a língua comum, em que formam neologismos prefixais em série. Nossa pesquisa de mestrado também verificou essa forte tendência de utilização de elementos de composição, na língua comum, em função prefixal, como *mega-*, *narco-*, *eco-* e *bio-*:

O bispo Rodovalho, líder da Sara Nossa Terra, resolveu promover uma competição particular com o bispo Edir Macedo, que acabou de inaugurar o <megatemplo> de Salomão, em São Paulo. (JARDIM, L., 27/08/2014)

“Na expressão de Krause, Iguala é uma <“narcocidade”>, na qual políticos e policiais não estão meramente associados ao tráfico de drogas, mas são o crime organizado”. (BLINDER, C., 11/11/2014);

“No caso dos recursos, eles combinaram numa única unidade de medida, o <eco-dólar>, (...)”. (MENSAGEIRO SIDERAL, 24/03/2014)

O secretário estadual de Meio Ambiente, Carlos Cavalcanti, diz estar em negociações avançadas com a Gol, companhia aérea que opera um dos três voos diários que chegam à ilha, para que ela passe a usar <bioquerosene> nos deslocamentos para Noronha. Esse combustível é menos poluente que o querosene utilizado hoje. (BRASIL 2014, 25/07/2014)

Esses neologismos prefixais escancaram a forte relação entre léxico e sociedade por materializarem, linguisticamente, as mudanças sociais pelas quais passam as sociedades. Nas palavras de Alves (2010, p. 70-71),

Alguns elementos, após sofrerem o processo da truncação, difundem-se pela língua comum e unem-se a unidades lexicais para formarem um derivado prefixal. Estes novos elementos truncados (*ciber-* < *cibernética*; *e-* < inglês *electronic*; *bio-* < *biodiversidade*; *eco-* < *ecologia*; *narco-* < *narcótico*) passam a exercer função prefixal e representam questões vivenciadas pela sociedade contemporânea: o avanço tecnológico proporcionado pela Informática (*ciber-* e *e-*), os esforços pela preservação da saúde e do meio-ambiente (*bio-* e *eco-*), os problemas relativos ao consumo e ao comércio de drogas (*narco-*).

No que tange à derivação sufixal, podemos defini-la como a associação entre um sufixo e um radical ou uma base lexical. Segundo Alves (1990, p. 29), um formante sufixal é um “elemento de caráter não autônomo e recorrente”, o qual “atribui à palavra-base uma ideia acessória e, com frequência, altera-lhe a classe gramatical.”. Reside justamente na função de alterar a classe gramatical das palavras uma das principais diferenças entre o sufixo e o prefixo.

A quase totalidade das obras gramaticais da língua portuguesa costuma apresentar os sufixos agrupados de acordo com a classe gramatical em que inserem a base a que se associam. Assim, temos, frequentemente, a apresentação dos sufixos nominais (formadores de substantivos pelos verbos: *-ção*, *-mento*, *-dor* etc.; formadores de adjetivos pelos verbos: *-vel*; formadores de adjetivos pelos substantivos: *-ano*; dentre outros), sufixos verbais (formadores de verbos pelos nomes: *-ar*, *-izar*; dentre outros) e o sufixo formador de advérbios pelo adjetivos: *-mente*.

Alves destaca, em seu estudo acerca das formações neológicas do português, que, contemporaneamente, os sufixos mais produtivos para a formação de novidades lexicais têm sido os nominais *-ismo*, para designar movimento sócio-político-cultural, geralmente ligado a personalidades, e *-ista*, para indicar os que aderem a esses

movimentos. (ALVES, 1990, p. 29-30). Destaca ainda a autora que os sufixos, em especial os diminutivos e aumentativos, têm sido utilizados em formações neológicas de caráter satírico. Esse fato foi identificado também por Sandmann (1992, p. 27).

Quanto ao fenômeno da composição, como dissemos, trata-se este da associação menos recorrente ou mais imprevisível entre duas bases lexicais. Nas palavras de Alves (1990, p. 41):

O processo da composição implica a justaposição de bases autônomas ou não autônomas. A unidade léxica composta, que funciona morfológica e semanticamente como um único elemento, não costuma manifestar formas recorrentes, o que a distingue da unidade constituída por derivação. Revela um caráter sintático, subordinativo ou coordenativo.

A composição subordinativa é aquela em que seus elementos apresentam a relação determinante + determinado ou determinado + determinante. Geralmente, esse tipo de relação se dá entre elementos de classes gramaticais diferentes (substantivo + adjetivo; verbo + substantivo etc.). Todavia, também se verificam casos em que a relação subordinativa deu-se entre dois substantivos, como *enredo-denúncia*, *Operação-Desmonte* etc.

Na composição coordenativa, por sua vez, os elementos lexicais que a formam não apresentam relação determinado + determinante ou determinante + determinado, por se tratarem de bases lexicais de mesma classe gramatical (substantivo + substantivo, adjetivo + adjetivo, verbo + verbo etc.).

A despeito de a composição ser tradicionalmente descrita como um processo *ad hoc*, com produtos mais imprevisíveis e não-seriados, Gonçalves, em estudo recente (GONÇALVES, 2016, p. 52-58), tem nos chamado a atenção para alguns padrões composicionais (geralmente associações entre dois substantivos em que um deles aparece recorrentemente na mesma posição) surgidos ultimamente no português brasileiro, que criam palavras novas em série, “com padronização bem próxima à da

derivação” (GONÇALVES, 2016, p. 57). São os casos de **X-bomba**: *homem-bomba, carta-bomba, avião-bomba, mulher-bomba* etc., **Maria-X**: *maria-chuteira, maria-gasolina, maria-tatame* etc. e **Mulher-X**: *mulher-pêra, mulher-maçã, mulher-melancia* etc. Antes dele, Alves já verificara, no início da década de 90, a tendência à criação de padrões composicionais no português do Brasil alicerçados a composições neológicas formadas pelo padrão **X-chave**: *testemunha-chave, amigo-chave* etc. (ALVES, 1990, p. 48-49). Em trabalho posterior (ALVES, 2006, p. 137-138), a autora traz exemplos de outros neopadrões composicionais do português, como **X-base**: *cidade-base, moeda-base, núcleo-base* etc.; **X-chefe**: *cargo-chefe, cozinheiro-chefe, embaixador-chefe* etc.; **X-fantasma**: *candidato-fantasma, cheque-fantasma, conta-fantasma* etc.; **X-monstro**: *biblioteca-monstro, bicho-monstro, comício-monstro* etc.; **X-padrão**: *comportamento-padrão, argumento-padrão, paciente-padrão* etc. e **X-relâmpago**: *ataque-relâmpago, campanha-relâmpago, torneio-relâmpago* etc. Tais exemplos evidenciam que a demarcação de limites precisos entre derivação e composição é assunto mais complexo do que se pode, a princípio, imaginar.

Além da derivação e da composição, são processos formais de criação neológica do português, ainda que não necessariamente sintáticos, registrados por Alves: a neologia fonológica (muito rara), a siglagem e a acronímia e a lexicalização de sintagmas, isto é, quando um sintagma passa a ser sentido pelos falantes como tendo um único referente, um único sentido, configurando-se, portanto, como um único item léxico. A lexicalização de sintagmas, contemporaneamente, tem sido o principal processo de formação de termos nas línguas de especialidade (ALVES, 1990, p. 50-55).

Alocam-se igualmente entre os neologismos formais aqueles que resultam de processos deformacionais, ou seja, processos nos quais as bases lexicais que são a eles submetidos deformam-se em alguma medida. Entre eles, Alves destaca a truncação, processo no qual há perda de parte da palavra; o cruzamento vocabular ou palavra-valise, em que há o encontro entre partes de palavras distintas para formar um terceiro

elemento, não raro satírico e causador de estranhamento; a reduplicação, quando o neologismo se forma pela repetição de sílabas iguais e a derivação regressiva, quando a nominalização de verbos se dá, não pelo acréscimo de sufixos, mas pela perda do morfema flexional verbal (ALVES, 1990, p. 68-71).

Entre os neologismos formais, os estudiosos costumam citar também o elemento lexical estrangeiro, uma vez que se trata de nova forma que penetrou o sistema lexical de uma determinada língua. Alves chama de empréstimo a palavra que, oriunda de sistema linguístico diverso, esteja adaptada gráfica, fonética ou morfossintaticamente à língua de chegada, podendo, inclusive, servir de base para novas formações. Estrangeirismo, por sua vez, é uma expressão que a autora prefere reservar apenas aos casos em que a palavra não esteja adaptada, ou seja, não tenha entrado como virtualidade no sistema lexical. Nestes casos, destaca Alves (1990, p. 72-73) que ela geralmente é empregada em contextos que se referem à cultura alienígena em questão e, quase sempre, vem assinalada entre aspas, destacando, assim, o não pertencimento da unidade lexical ao código linguístico em que foi escrita a mensagem.

O segundo grupo de neologismos identificados pelos principais estudos realizados sobre o tema é o dos neologismos semânticos. Como dissemos anteriormente, qualquer alteração no significado da palavra sem que se lhe altere a forma tem sido considerada processo de neologia semântica. Apesar de não apresentar uma tipologia tão vasta quanto a formal, trata-se, obviamente, de um fenômeno linguístico bastante comum e, ao mesmo tempo, complexo.

Na segunda parte do seu estudo intitulado *Teoria Linguística*, mais especificamente no capítulo nono, Biderman (1978, p. 145-157) debruça-se sobre a questão da construção do significado das unidades lexicais. Grosso modo, diz-nos a autora que cada lexema, ou unidade lexical, apresenta um significado nuclear e outros significados periféricos dados pelo contexto de uso. Dentre os significados periféricos, têm-se aqueles oriundos de conotações afetivas, metáforas, metonímias, usos

estilísticos etc. O chamado “campo semântico”, ou semasiológico, seria, então, formado pela união entre o significado nuclear da palavra e todos os seus significados periféricos. Ora, prever uma situação de uso metafórica ou uma conotação afetiva associada a uma palavra é praticamente impossível e tanto escritores, jornalistas ou publicitários quanto falantes comuns demonstram diariamente que a expansão do campo semântico de um signo linguístico é ilimitada. Com efeito, a neologia semântica ocorre diariamente, nos mais variados contextos, formais ou informais.

5 Considerações finais

Dentre todos os níveis linguísticos, certamente o Léxico é o que melhor espelha a dinamicidade constante da língua. Nesse sentido, a Neologia, como processo perene de criação e renovação lexical, atesta não apenas a vivacidade da língua, como, igualmente, as mudanças sociais, históricas e culturais pelas quais atravessa uma comunidade de fala.

Não é recente, por certo, o interesse de gramáticos e de linguistas pelos processos de formação de palavras. Os estudos neológicos de Alves, contudo, por meio dos dados colhidos ao longo das décadas no Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo, têm evidenciado que os mesmos processos tão detalhadamente descritos nas gramáticas são, em verdade, igualmente dinâmicos e surpreendentes.

Lexicalização de afixos, surgimento de novos prefixos pela migração de bases neoclássicas para o sistema prefixal, identificação de padrões composicionais, o que contraria a própria definição linguística de composição como processo *ad hoc*, tudo isso são contribuições de inestimável valor que os estudos sobre a Neologia têm trazido ao entendimento do léxico. E é justamente isso que procuramos destacar neste artigo. Os estudos de Neologia, sem intenções de exagero, são, a nosso ver, vitais para captar a

fluidez e a plasticidade da língua, esse organismo vivo, vibrante, que continua a maravilhar todos os estudiosos que a ela dedicam seu tempo.

Referências

ALVES, I. M. **Neologismo: Criação lexical**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1990.

ALVES, I. M. **Um estudo sobre a neologia lexical**: os microssistemas prefixais do português contemporâneo. Tese (Livre Docência em Lexicologia e Terminologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

ALVES, I. M. A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico. *Alfa*, v. 50, n. 2, p. 131-144, São Paulo, 2006.

ALVES, I. M. A neologia do português brasileiro de 1990 a 2009: tradição e mudança. *In*: ALVES, I. M. (org.). **Neologia e neologismos em diferentes perspectivas**. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 63-82.

BARBOSA, M. A. **Léxico, produção e criatividade**: Processos do neologismo. São Paulo: Global, 1981.

BASILIO, M. **Estruturas lexicais do português**: uma abordagem gerativa. Petrópolis: Vozes, 1980.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BOULANGER, J. C. Problématique d'une méthodologie dynamique d'identification des néologismes en terminologie. *In*: **Néologie et lexicologie**. Paris: Larousse, 1979. p. 36-46.

CABRÉ, M. T. La neología, campo disciplinar y aplicado: utilidad y problemas en el trabajo neológico de los observatorios. *In*: ALVES, I. M. (org.). **Neologia e neologismos em diferentes perspectivas**. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 13-33.

CÂMARA JR., J. M. Ampliação e renovação lexical. *In*: CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975. p. 213-234.

GONÇALVES, C. A. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.

GUILBERT, L. Théorie du néologisme. *In: Cahiers de l'association internationale des études françaises*, n. 25, 1972. p. 9-29. DOI <https://doi.org/10.3406/caief.1973.1020>.

GUILBERT, L. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975.

REY, A. Néologisme: um pseudoconcept? **Cahiers de Lexicologie**, n. 28, p. 3-17, 1976.

ROCHA, L. C. de A. **Estruturas morfológicas do português**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SABLAYROLLES, J. F. Le sentiment néologique: une compétence qui s'acquiert et s'affine. *In: ALVES, I. M. et al. (org.). Os estudos lexicais em diferentes perspectivas*. São Paulo: FFLCH/USP, 2013. v. III, p. 6-20.

SANDMANN, A. J. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Scienza e Labor/Ícone, 1989.

SANDMANN, A. J. **Morfologia lexical**. São Paulo: Contexto, 1992.

Artigo recebido em: 06.08.2019

Artigo aprovado em: 06.12.2019